

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA MATEMÁTICA CONTEXTUALIZADA

Jhonatan Willian Da Silva
Zuleika Aparecida Claro Piassa

O texto discute a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, destacando-a como uma modalidade crucial para promover a inclusão social e o desenvolvimento pessoal de cidadãos que não concluíram seus estudos na idade regular. Contudo, a EJA enfrenta desafios significativos, como o acesso desigual em áreas rurais e comunidades indígenas, além da prevalência do modelo bancário de educação, criticado por Paulo Freire. Este modelo, que trata os alunos como recipientes vazios a serem preenchidos com informações, especialmente na Matemática, resulta em um aprendizado superficial e desmotivador. Em contrapartida, Freire propõe uma abordagem problematizadora, onde a educação é vista como um processo de conscientização e libertação, conectando o aprendizado às experiências de vida dos alunos. A contextualização do ensino de Matemática na EJA, valorizando os saberes experienciais e as vivências cotidianas, é apresentada como uma estratégia central para tornar o aprendizado mais significativo e emancipador. O texto conclui enfatizando a importância de currículos flexíveis e uma formação adequada de professores para que a EJA possa cumprir seu papel transformador, combatendo o modelo bancário e promovendo uma educação mais crítica e engajada.

Introdução

Paulo Freire, em sua obra "Pedagogia do Oprimido", propõe uma pedagogia que visa a conscientização dos oprimidos para que possam transformar a realidade opressiva em que vivem. A obra é centrada na ideia de que a educação deve ser um ato de liberdade, permitindo que os oprimidos tomem consciência de sua situação e se tornem sujeitos ativos na transformação social. O educador, segundo Freire (2021), deve assumir o papel de facilitador do processo de conscientização, ao invés de ser um mero transmissor de conhecimentos. Ele deve estar comprometido com a causa dos oprimidos, buscando constantemente entender e transformar a realidade junto com eles. "O educador já não é apenas o-que-educa, mas o que, educando, é educado em diálogo

com o educando, que, ao ser educado, também educa” (Freire, 2005, p. 67).

“A conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência” (Freire, 2005, p. 99). Ao dizer isso, Freire enfatiza que o diálogo deve ser baseado no respeito mútuo e na igualdade, sem imposições ou manipulações. Somente assim a educação pode ser um ato de liberdade e não de dominação. O diálogo é o meio propício para a conscientização. “O diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 2005, p. 91).

No que diz respeito às políticas públicas, a EJA está fundamentada em diretrizes como o Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece metas para ampliar o acesso à educação e combater o analfabetismo.

Crítica ao Ensino Tradicional de Matemática: Análise do Modelo Bancário

No contexto do ensino tradicional de Matemática para educação de jovens e adultos a (EJA), o modelo bancário de educação, como descrito por Paulo Freire, manifesta-se de forma clara e problemática. Nesse modelo, o conhecimento é tratado como algo que deve ser "depositado" nos alunos, que são vistos como recipientes vazios a serem preenchidos com informações. Freire critica essa abordagem, afirmando que "na visão 'bancária' da educação, o 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber" (Freire, 1987, p. 72). Em salas de aula que adotam essa abordagem, o foco é muitas vezes colocado na memorização de fórmulas e na aplicação mecânica de procedimentos, sem que os estudantes compreendam profundamente o que estão aprendendo ou por que estão aprendendo.

A Matemática, nesse cenário, é desprovida de contexto e relevância para a vida dos alunos. Os conceitos são apresentados de forma isolada, e os alunos raramente têm a oportunidade de ver como esses conceitos se aplicam a situações do mundo real. Isso pode levar a um aprendizado superficial, onde os estudantes podem até ser capazes de resolver equações ou problemas específicos decorar fórmulas, mas sem uma verdadeira compreensão do raciocínio lógico e sistemático por trás desses procedimentos, este conhecimento se torna banal ou melhor ineficiente, sendo usado apenas para avaliações locais ou de larga escala como, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Certificação de Competência de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Freire adverte que "quanto mais alienados os educandos ficarem dessa atividade, tanto mais o conteúdo programático se apresentará como algo estranhamente exterior a eles" (Freire, 1987, p. 78). Essa abordagem não apenas limita a capacidade dos alunos de aplicar o

conhecimento matemático em diferentes contextos, mas também pode desmotivá-los, tornando a Matemática uma disciplina temida e desconectada de suas experiências e aspirações.

Matemática e a Prática Libertadora: A Educação Problematicadora de Paulo Freire

Em contraste com o modelo bancário, Paulo Freire propõe uma abordagem educacional que ele chama de "problematicadora". Nesse modelo, a educação é vista como um processo de conscientização e libertação, onde os alunos são encorajados a se envolver criticamente com o conteúdo e a relacioná-lo com suas próprias vidas e experiências matemática vivenciadas no dia a dia. Freire destaca que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1987, p. 78). No ensino de Matemática, essa abordagem pode transformar a disciplina em uma ferramenta poderosa para a compreensão do mundo, permitindo que os alunos da EJA, vejam a Matemática não apenas como um conjunto de regras a serem seguidas, mas como uma linguagem através da qual podem explorar e questionar a realidade ao seu redor. Freire argumenta que a educação deve ser um diálogo entre o professor e os alunos, onde ambos aprendem e ensinam simultaneamente. No contexto da Matemática, isso significa criar oportunidades para que os alunos participem ativamente do processo de aprendizagem, formulando hipóteses, resolvendo problemas reais e refletindo sobre os resultados. A Matemática, assim ensinada, não é um fim em si mesma, mas um meio para entender e transformar o mundo. Segundo Freire, "o ato de educar é, por isso, um ato político" (Freire, 1987, p. 79).

Ao contextualizar a Matemática e conectar os conceitos abstratos a problemas do cotidiano, os educadores podem ajudar os alunos a desenvolver um pensamento crítico e uma consciência mais profunda das injustiças e desigualdades que existem em suas comunidades e no mundo. Esse tipo de educação, ao contrário do modelo bancário, não apenas transmite conhecimento, mas também capacita os alunos a usarem esse conhecimento de maneira significativa e transformadora. "A educação problematicadora," diz Freire, "faz dos homens os autênticos sujeitos de sua história" (Freire, 1987, p. 79).

Oportunidades para uma Matemática Contextualizada na EJA

O ensino de Matemática na EJA pode e deve ser contextualizado nas experiências cotidianas dos alunos. A Matemática pode ser ensinada através de situações práticas e relevantes, como orçamento familiar, medidas no trabalho, ou resolução de problemas do dia a dia. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão, mas também torna o aprendizado mais significativo e motivador. De acordo com Souza (2020), Tardif (2005) define os saberes experienciais como aqueles que emergem das práticas diárias dos professores e são validados dentro de suas próprias experiências. Esses saberes são formados a partir de outros conhecimentos, mas adaptados e aperfeiçoados pela prática cotidiana (TARDIF, 2005, apud SOUZA, 2020, p. 123). O professor deve proporcionar um envolvimento do conteúdo com as relações que os alunos estabelecem com colegas, ou até mesmo a relação de trabalho, a comunidade. Essas interações são fundamentais para a construção dos saberes experienciais, uma vez que influenciam diretamente a maneira como o professor ensina e como os alunos aprendem. Os saberes experienciais também se formam a partir das diversas obrigações e normas que regem o trabalho do professor. Isso inclui desde as exigências legais e administrativas até as expectativas culturais e sociais que moldam o papel do educador na sociedade. A necessidade de cumprir essas normas enquanto se adapta a elas cria um espaço para a construção de conhecimentos únicos e específicos ao contexto de cada professor. Os saberes experienciais estão profundamente ligados à compreensão da escola como uma instituição composta por múltiplas funções e interações. A escola não é apenas um local de ensino, mas um ambiente complexo onde se desenvolvem e se interligam diferentes papéis, expectativas e processos sociais. Navegar por esse ambiente requer um conhecimento que só pode ser adquirido pela experiência, o que torna os saberes experienciais indispensáveis para a prática docente. Esses saberes, portanto, não são menos importantes que os outros tipos de saber, mas sim complementares. Eles representam a integração prática de todos os conhecimentos que o professor adquire ao longo de sua formação e carreira, e são essenciais para a adaptação e a eficácia do ensino em contextos reais. Tardif (2005) enfatiza que "[...] os saberes experienciais [...] são aqueles que se adaptam constantemente às condições reais e mutáveis da prática docente" (p. 54). Em suma, os saberes experienciais são a ponte entre a teoria e a prática, permitindo que os professores adaptem e ajustem seus conhecimentos às realidades específicas de suas salas de aula. Esses saberes são dinâmicos e evoluem continuamente à medida que o professor enfrenta novos desafios e reflete sobre suas práticas,

garantindo, assim, uma educação mais eficaz e contextualizada. Inspirando-se nas ideias de Paulo Freire, a Matemática na EJA pode ser usada como ferramenta para a conscientização e a transformação social. Ao envolver os alunos em discussões sobre temas como economia, justiça social e cidadania, o ensino de Matemática pode ajudar a desenvolver um pensamento crítico e uma visão mais ampla do mundo.

Conclusão

Ensinar Matemática na EJA exige uma abordagem pedagógica que vá além do ensino tradicional, reconhecendo as singularidades desse público. Ao valorizar as experiências de vida dos alunos e promover uma educação matemática contextualizada e crítica, os educadores podem ajudar a transformar a relação dos alunos da EJA com a Matemática, preparando-os não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para uma participação mais ativa e consciente na sociedade, portanto a prática libertadora em Matemática, desafia a visão tradicional e mecanicista da educação, promovendo uma aprendizagem ativa, crítica e engajada. Essa abordagem não apenas melhora a compreensão dos alunos sobre a Matemática, mas também os prepara para serem cidadãos críticos e ativos em suas comunidades. O currículo de Matemática na EJA deve ser flexível o suficiente para atender às necessidades e interesses dos alunos. Isso significa adaptar os conteúdos e as metodologias ao contexto específico de cada turma, levando em consideração tanto os objetivos educacionais quanto as demandas da vida cotidiana dos alunos. No ensino de Matemática, por exemplo, vem sendo adotada uma abordagem, mais crítica e contextualizada, baseada na metodologia freiriana, que visa tornar a educação mais relevante para a vida dos alunos, conectando o aprendizado com suas experiências cotidianas e sociais. A valorização das experiências de vida dos alunos tornou-se uma estratégia central, utilizando-as como ponto de partida para a construção do conhecimento. Isso não apenas facilita a compreensão dos conteúdos, mas também torna o aprendizado mais significativo, engajador, ou seja, emancipador.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **PISA 2018 results: what students know and can do**. Volume I. Paris: OECD Publishing, 2019. Disponível em: https://www.oecd.org/pisa/publications/PISA2018_Results_Volume_I.pdf. Acesso em: 29 ago. 2024.

SOUZA, Maria. **Educação de jovens e adultos: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

UNICEF. **Relatório sobre a educação básica no Brasil: desafios e oportunidades**. Brasília: UNICEF, [s.d.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/relatorio-sobre-educacao-basica-no-brasil>. Acesso em: 29 ago. 2024.